

Diálogos (im)possíveis entre Jesuscristinho (Ruffato, 2001) e Bolsonaro: aproximações entre literatura e discurso

Antonio Ismael Lopes de SOUSA*

João de Deus LEITE**

Ana Cristina Teixeira de Brito CARVALHO***

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul). Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Assistente em Administração na Universidade Federal do Maranhão (CCBL/ UFMA). antonio.sousa@ufnt.edu.br.

** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT/UFNT). joao.leite@ufnt.edu.br.

*** Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Professora Adjunta III da Universidade Estadual do Maranhão, atuando no Centro de Estudos Superiores de Balsas (CESBA) e Professora do Mestrado em Letras da UEMASUL. ana.carvalho@uemasul.edu.br.

Resumo:

Este trabalho debate as aproximações entre as declarações do *jesuscristinho*, um dos personagens da obra *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Ruffato (2001), e algumas afirmações proferidas pelo ex-presidente do Brasil (2019-2022), Jair Messias Bolsonaro, com apoio na discursividade literária, abordada por Mello (2005) e Maingueneau (2005), e na interdiscursividade de Pêcheux (2008). Ponderando sobre as similitudes entre enunciados oriundos da ficção e da política, sobre imprensa e jornalistas, examinamos, com apoio na noção pecheutiana de ideologia e pulsões, bem como nos ensinamentos de Rancière (2009a, 2009b) sobre as “experiências do sensível” e dos efeitos das artes no “inconsciente estético”, como se realiza a produção de sentidos e de significados nesses contextos. Em ambos os casos, tanto os enunciados políticos quanto os enunciados literários fazem efeito no real, como já observou Rancière (2009b, p. 58), fato que reforça ainda mais a existência de uma interface real entre literatura e discurso.

Palavras-chave:

Literatura; Discursividade Literária; Bolsonaro.

Abstract:

This paper discusses the similarities between the statements of the *jesuscristinho*, one of the characters in the work *Eles Eram Muitos Cavalos*, by Ruffato (2001), and some statements made by the former president of Brazil (2019-2022), Jair Messias Bolsonaro, based on literary discursivity, addressed by Mello (2005) and Maingueneau (2005), and on the interdiscursivity of Pêcheux (2008). Pondering the similarities between statements originating from fiction and politics, about the press and journalists, we examine, based on Pêcheux's notion of ideology and drives, as well as on Rancière's (2009a, 2009b) teachings on the “experiences of the sensitive” and the effects of the arts on the “aesthetic unconscious”, how the production of senses and meanings is carried out in these contexts. In both cases, both political and literary statements have an effect on reality, as Rancière (2009b, p. 58) has already observed, a fact that further reinforces the existence of a real interface between literature and discourse.

Keywords:

Literature; Literary Discursivity Bolsonaro.

Diálogos (im)possíveis entre *jesuscristinho* (Ruffato, 2001) e Bolsonaro: aproximações entre literatura e discurso

Antonio Ismael Lopes de SOUSA
João de Deus LEITE
Ana Cristina Teixeira de Brito CARVALHO

INTRODUÇÃO

A literatura está inscrita na tessitura social (Candido, 2000), é importante colaboradora no processo de construção histórica (Chartier, 2021) e, dentre outras potências, é substancial para o estabelecimento do pensamento e das reflexões acerca do real (Rancière, 2009a, 2009b). Esses e outros motivos têm contribuído para um aumento significativo em estudos que buscam examinar as interfaces possíveis entre a arte literária e outras artes (como o cinema, o teatro, a música etc.), bem como outras áreas do conhecimento e do saber, a exemplo da sociologia, da educação, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da análise de discurso etc.

Dito isso, é na seara de duas importantes áreas – a literatura e o discurso – que este trabalho se inscreve, com o objetivo de analisar as concepções do *jesuscristinho*, da obra *Eles Eram Muitos Cavalos* (Ruffato, 2001), sobre imprensa e jornalistas e compará-las a alguns enunciados proferidos pelo ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Para tanto, com apoio em estudos sobre literatura e discurso, a exemplo da discursividade literária abordada por Mello (2005) e Maingueneau (2005) e da interdiscursividade de Pêcheux (2008), delineamos um cenário no qual foram enfatizadas as aproximações entre discursos sobre um mesmo assunto, envolvendo um personagem da ficção literária e uma figura política da realidade brasileira.

Inicialmente, apresentando convergências entre literatura e discurso, procuramos demonstrar como essas duas áreas possuem intersecções sempre possíveis, já que ambas estão imbricadas no mesmo tecido social e, compartilhando uma ideologia que não é um ritual infalível, como alerta Pêcheux (2014), todos os enunciados são passíveis de serem ecoados em outros contextos distintos. Nesse ponto, valemo-nos dos estudos que versam sobre literatura e suas interfaces com outras áreas, além da noção pecheutiana de ideologia e interdiscurso, da discursividade literária de que falam Mello (2005) e Maingueneau (2005), bem como dos ensinamentos de Rancière (2009a, 2009b) sobre o “regime do sensível”, as “experiências do sensível” e o “inconsciente estético”. Em seguida, partindo para análise do objeto deste estudo, à luz das abordagens sobre arte e discurso, apresentamos o personagem *jesuscristinho* (Ruffato, 2001), dando-se ênfase para as suas concepções sobre veículos de imprensa e os(as) profissionais que os integram.

Na sequência, com inspiração nas ideias de Veríssimo (2012) sobre os diálogos impossíveis que se tornaram possíveis no texto literário, elaboramos, com base na interdiscursividade pecheutiana, uma comparação entre enunciados feitos pelo ex-presidente do Brasil, Bolsonaro, especialmente aqueles proferidos durante seu mandato presidencial (2019-2022), e os do personagem *jesuscristinho*, de Ruffato (2001).

Entendemos que os estudos que visam lançar luz sobre as proximidades entre duas áreas diversas, como literatura e discurso, se constituem como importantes possibilidades de avançar e compreender melhor as facetas dessas esferas e, conseqüentemente, servem para ampliar as perspectivas sobre como essas áreas se influenciam e produzem sentidos e significados, tanto no campo artístico quanto na realidade objetiva e no inconsciente.

DISCURSO E(M) LITERATURA

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1998), Machado de Assis trouxe à literatura brasileira, dentre outros personagens, Brás Cubas. Marcado pela pequenez em sua trajetória política (não somente nessa área, como também em toda a sua vida profissional), o então político Brás Cubas, encorajado pelo igualmente medíocre Quincas Borba (um filósofo alheio à ciência), teve seu *status quo* garantido tanto por caminhar na contramão da ciência quanto pela manutenção de devaneios, como a criação do “emplastro” – um remédio que curaria todas as doenças, mesmo não havendo nenhuma comprovação científica de sua eficácia.

Se uma narrativa escrita em 1881 encontra semelhanças com algumas discursividades na atualidade¹ (século XXI), é porque, como bem destaca Maingueneau (2005, p. 17), em “comunicação com o exterior”, a relação entre o fato literário e o discurso rejeita a ideia de haver um “ponto fixo”, de uma “instância criadora”, bem como o entendimento de que existe uma “obra autônoma” e “enquanto consciência criadora”, isto é, não há uma obra literária com fim em si mesma, que não sofre nenhuma influência da exterioridade. Por isso, Maingueneau (2005, p. 19) afirma que “as condições do dizer atravessam o dito, que investe suas próprias condições de enunciação”, ou seja, a condição do escritor vinculada aos seus modos de se posicionar via literatura, os comportamentos relacionados aos gêneros, o relacionamento, ocasionado pela obra literária, com o destinatário (o leitor), os suportes materiais, as formas de circulação dos enunciados, entre outros fatores.

Eis o motivo pelo qual Bakhtin (1997, p. 282) afirma que o romance em seu todo “é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo)”. Bakhtin (1997, p. 209-210) afirma que, a partir da escrita, ou seja, a relação do autor com a língua e a utilização da língua que ela implica, que o autor de uma obra estabelece uma “relação primária com o conteúdo, ou seja, com o dado imediato da vida e do mundo da vida, em sua tensão ético-cognitiva”. Nessa relação,

a obra, assim como a réplica do diálogo, visa a resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc. A obra predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural. A obra é um elo na cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aquelas que lhe respondem, e, ao mesmo tempo, nisso semelhante à réplica do diálogo, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes (Bakhtin, 1997, p. 299).

Não raros, são crescentes as abordagens sobre a interface entre a arte literária, outras áreas do conhecimento (como sociologia, psicologia, filosofia, história etc.), bem como entre os distintos tipos de arte (música, cinema, teatro etc.). Neste ponto do trabalho, em razão das circunstâncias, adotamos apenas as perspectivas em literatura, filosofia e do discurso. Do ponto de vista filosófico, as artes (incluindo a literatura) se inscrevem no que Rancière (2009b) chama de “regime do sensível”, espaço no qual operam e promovem as “experiências do sensível”. Ao serem partilhadas em público (no meio social), potencializam e/ou problematizam ideias que vão desde as “histórias imaginárias da ‘modernidade’ artística e dos vãos debates sobre a autonomia da arte” até a “sua submissão política” (Rancière, 2009b, p. 26). Segundo Rancière (2009b, p. 20), as artes conquistam espaços, influenciam e provocam experiências políticas e sociais – a “politicidade sensível” –, que impulsiona rumo à concretização de “grandes formas de partilha estética”. Operando desse modo,

¹ Como quando Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, e o ex-presidente dos EUA, Donald J. Trump, defenderam o sulfato de hidroxiquina para o tratamento do Coronavírus/COVID-19, um medicamento sem eficácia comprovada para a referida doença (Sanches, 2020).

ainda de acordo com Rancière (2009b, p. 26), as artes “nunca emprestam às manobras de dominação ou emancipação mais do que lhes podem emprestar”, ou seja, aquilo que há de comum entre a arte e o poder – que são as “posições e movimentos dos corpos, funções da palavra, repartições do visível e do invisível” –, e a liberdade de que “podem gozar ou a subversão que podem se atribuir repousam sobre a mesma base”.

Finalmente, retomando as abordagens referentes ao elo entre literatura e discurso, Mello (2005, p. 31) destaca que se trata de uma “interface não só possível mas real”. De acordo com Mello (2005, p. 40), com aspectos de representação e demonstração, a linguagem literária “permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações que não aquelas a elas conferidas usualmente” e, por isso, as criações literárias têm valor e poder. Ainda segundo Mello (2005), na literatura, a linguagem tem um “sabor”, algo como um estatuto que não se submete necessariamente a um crivo científico (cuja característica é ser imutável, rigoroso, reto etc.), mas que se marca exatamente pela indeterminação, pela pluralidade de sentidos e pela possibilidade de representação.

Nessa seara, versando sobre os conceitos de intertextualidade, interdiscurso, interlíngua e paratopia, Maingueneau (2005, p. 18) defende as concepções de “discurso literário” e “discursividade literária”, no intuito de conferir maior legibilidade aos repertórios literários. Assim, conforme o autor, o caráter discursivo das obras literárias torna-se claro quando temos acesso às “modalidades de enunciação”, o que ocorre quando nos desprendemos de concepções românticas sobre a relevância da literatura, a exemplo daquelas que definem a importância do literário partir de premissas como ser “clichê demais” ou de menos, ser “oficial” ou não oficial, ter ou não “originalidade” ou “sinceridade”, ser ou não “pura”, entre outros fatores. Assim, explica Maingueneau (2005, p. 26), “fazendo parte da instituição literária e fazendo-a penetrar no coração da enunciação, nos afastamos do foro íntimo do autor, desse lugar protegido da coisa literária: assumimos, assim, a ordem do discurso”. Por isso, o caráter discursivo da obra literária é entendido em Maingueneau (2005, p. 26) como “paratopia”, termo que tem a ver com o autor da enunciação literária, cuja posição é marcada, simultaneamente, pela sua ausência e presença no seu espaço de produção. Maingueneau (2005, p. 28) segue advogando em prol de uma não separação entre a enunciação e a instituição literária, já que cabe à literatura “fundar o próprio espaço de sua própria enunciação”, uma vez que “a obra não pode estender seu mundo senão construindo nesse mesmo mundo a necessidade do deslocamento”. Dito de outro modo, não é possível ampliar o universo de uma obra literária, sem que haja condições de afastamento desse e nesse mesmo espaço.

Outro importante conceito sobre a interface literatura e discurso – o interdiscurso – é defendido por Pêcheux (2008), para quem “todo enunciado é suscetível de tornar-se outro”, uma vez que a ideologia não é um ritual infalível. Para Pêcheux (2008, p. 153),

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.

Sobre esse tema, Pêcheux (2014, p. 157) entende que o espaço ideológico, mesmo com suas dessemelhanças, é essencialmente concebido “como uma sistematicidade integradora: este ou aquele setor do sistema (por exemplo, a literatura) pode então aparecer como o ponto de integração privilegiado das diferentes zonas discursivas do sistema”. Desse modo, as diferenças entre as ações provocadas por ocasião da apropriação da linguagem pelos seres humanos, para mediar as suas relações sociais (dimensão sócio-discursiva), somente se mostram, segundo Pêcheux (2014, p. 157), enquanto “diferenças de valorização”, e “jamais como diferenças de estrutura”.

Por essa ótica, o interdiscurso para Pêcheux (2014, p. 158) significa, portanto, “princípio de funcionamento”, posto que é porque os elementos da sequência textual, funcionando em “uma

formação discursiva² dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma formação discursiva para outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente”. Tendo em vista essas considerações acerca da viável interface entre literatura e discurso, e à luz da discursividade literária (Maingueneau, 2005; Mello, 2005) e da interdiscursividade (Pêcheux, 2008), procuramos, nas seções a seguir, urdir e fundamentar as aproximações discursivas entre um personagem da ficção literária (o *jesuscristinho*, de Ruffato, 2001) e uma figura política da realidade (o ex-presidente do Brasil, Bolsonaro).

UM *JESUSCRISTINHO* INCENDIÁRIO: AS DECLARAÇÕES DO PERSONAGEM DE RUFFATO (2012) EM DESFAVOR DA IMPRENSA

No início do século XXI (em 2001), num “mosaico narrativo” – textos escritos em recortes, com narrativas diversificadas, interligadas ou não no romance –, Ruffato concebeu, no curtíssimo “texto 8”, intitulado “Era um garoto”, da premiada obra *Eles Eram Muitos Cavalos*, um certo *jesuscristinho*. Retratado fisicamente em poucas linhas por Ruffato (2001, p. 20), *jesuscristinho* era “um garoto”, que “nem parece uma criança”, com “longos cabelos louros”, “cavanhaque”, “olhos castanhos” e “músculos enformados”. Quanto às suas características, *jesuscristinho* foi apresentado pela personagem de sua própria mãe como “um garoto formidável craque em matemática e física e química que manjava bem de português e cursava o advanced na cultura inglesa”, um garoto “formidável”, “maravilhoso”, “adorável” (Ruffato, 2001, p. 20-22). Além disso, na sua biografia, em Ruffato (2001, p. 20-22), consta que ele simbolizava “a ausência da figura paterna”, que atuava como *freelancer* em jornais e revistas, que posteriormente tornou-se “sócio numa assessoria de comunicação”, que virou “pau-mandado na prefeitura” e, em decorrência disso, sofreu uma reviravolta que o tirou da vida simples que levava e, em uma meteórica ascensão social, mudou-se para “uma mansão em Alphaville”.

Para além das características acima citadas, uma merece destaque e, por isso, fundamenta o escopo deste trabalho, a saber, a conflituosa relação de *jesuscristinho* com alguns veículos de imprensa. Por esse motivo, à luz da discursividade literária (Maingueneau, 2005; Mello, 2005) e da interdiscursividade (Pêcheux, 2008), buscamos estabelecer essas aproximações discursivas entre enunciados de um personagem da ficção literária (*jesuscristinho*) e de uma figura política da realidade brasileira (Bolsonaro). Esse elo entre discursividades foi estruturado porque, concordando com Maingueneau (2005), consideramos a literatura em interface com a exterioridade, que não produz um fim em si mesma, que pertence e que opera nos espaços em que podem ser exequíveis, isto é, nos locais onde são produzidas, apreciadas e administradas. Isso significa que, desde a sua concepção inicial até a sua chegada ao leitor final, a obra literária tanto faz parte quanto exerce posições e influências da exterioridade. Além disso, na tarefa de empreender contraposições entre as enunciações de um personagem fictício e de um político brasileiro, apoiamo-nos precipuamente nos estudos sobre interdiscurso de Pêcheux (2015), para quem qualquer enunciado é passível de converter-se em outro, dado que o sujeito, que se constitui pela ideologia e é afetado pelo inconsciente, pode ter sua identidade associada a outras redes de memória e, em razão das atividades metafóricas, alia seu pertencimento a outros âmbitos discursivos.

Pelas vias dessa suscetibilidade, os discursos do *jesuscristinho*, idealizado por Ruffato em 2001, perduraram ao longo do tempo e, aproximadamente 20 (vinte) anos depois, viram-se ecoados em algumas enunciações proferidas por Bolsonaro. Essa interdiscursividade acontece porque, de acordo com Mello (2005, p. 40), com aspectos de representação e demonstração, a linguagem literária “permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações que não aquelas a elas conferidas usualmente” e, por isso, as criações literárias têm valor e poder. Por esse motivo, assumindo o que Orlandi (2012, p. 8) chama de “perspectiva discursiva na reflexão sobre leitura”,

² Para Pêcheux (2009, p. 160), a Formação Discursiva (FD) é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito”.

reconhecemos que a “leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração de sentidos” e que sujeito e os sentidos “são determinados histórica e ideologicamente”.

Também nesse sentido, Chartier (2021) destaca o papel da literatura enquanto colaboradora no processo de construção da história. Para Chartier (2021, p. 26), “a autoridade histórica não se reduz à historiografia” e, por isso, o conhecimento histórico coabita com diferentes narrativas sobre o passado, inclusive com aquelas produzidas no campo literário. Utilizando inicialmente as obras teatrais como exemplo, o autor observa que, constantemente, elas apresentam “representações do passado mais ‘verdadeiras’ que as propostas pelas crônicas dos historiadores do tempo”.

Na esteira dessa construção histórica, Chartier (2021, p. 33-34) explica que as obras literárias dispõem de uma “poderosa capacidade de conhecimento” que tecem a “verdade da ficção”, ou seja, as inúmeras formas das “verdades literárias (do passado, da sociedade, dos indivíduos) podem também, paradoxalmente, tornar-se a condição da verdade histórica”. Além disso, com apoio em Orlandi (2012, p. 8-10), cumpre destacar, enfim, a adoção da linguagem em seu caráter ambíguo, ou seja, como “instauradora (imitadora) do mundo, tendendo para a arte”, e também como “desveladora de mundo, como ponta de lança do saber, tendendo para a ciência”. Por isso, não abandonamos, nessa empreitada de analisar as enunciações contidas em um texto literário e proferidas por um político da realidade brasileira, a plasticidade da linguagem de que fala Orlandi (2012, p. 19), que corrobora tanto para o reconhecimento da pluralidade de sentidos que lhe é característica, quanto também pela limitação que essa mesma linguagem nos impõe. Feitas essas considerações, partimos então para a análise dos enunciados.

Nas únicas manifestações assinaladas no “texto 8”, acerca da imprensa e seus integrantes, *jesuscristinho* demonstra suas indignações quando afirma que “[...] as coisas que têm saído nos jornais tudo mentira sua mãe que é jornalista sabe é tudo sacanagem é sujeira dá nojo” (Ruffato, 2001, p. 21). Alguns pontos do excerto merecem destaque: a) a irritação do personagem foi grafada logo após as informações sobre suas conquistas materiais (não há manifestações de *jesuscristinho* sobre imprensa e jornalistas enquanto ele levava uma vida razoavelmente simples e pacata); b) os termos “sua mãe que é jornalista sabe” demonstram um esforço do personagem para conferir mais crédito ao discurso, tanto pela sua proximidade com alguém que atua diretamente com jornais (a sua mãe), quanto porque, nas palavras do personagem, a própria jornalista, que é de seu convívio, legitima essas ideias, ao afirmar que os jornais não merecem credibilidade; e c) a presença de substantivos como “sacanagem”, “sujeria” e “nojo” parece demonstrar uma certa contiguidade entre ele (*jesuscristinho*) e o que foi veiculado nos jornais, ficando implícito que se tratava de matéria(s) envolvendo diretamente seu nome ou de alguém por quem tinha algum tipo de afeição. Em todos os casos, a ideia é descredibilizar a informação propagada e/ou o(s) veículo(s) de imprensa, como forma de defender a si ou a outra pessoa. Como destacado por Ab’Sáber (2021), essas estratégias são especialmente utilizadas por políticos, com o objetivo de minimizar os efeitos negativos ocasionados por matérias jornalísticas desfavoráveis a si ou correligionários. Materializando esse descrédito, por conseguinte, haveria um duplo proveito para *jesuscristinho*: de um lado, o alcance da confiabilidade em seus discursos, de modo que o personagem seria (re)colocado ao lado da verdade; de outro, minaria – ou reduziria drasticamente – qualquer nova investida que essa mesma imprensa fizesse contra (ou sobre) ele e/ou outrem, o que asseguraria uma posição de conforto em relação à manutenção de modos de pensar e agir, já que as matérias veiculadas, após o processo de descredibilização, surtiriam pouco ou nenhum efeito ao público, especialmente para aqueles que foram convencidos da fidedignidade das declarações do referido personagem.

Tendo isso em vista, ao conceber um membro de uma “verdade da ficção”, para evocar aqui a proposição de Chartier (2021), Ruffato (2001) cria um personagem cujas falas suscitam associações com o mundo real do leitor (a exterioridade do discurso literário), justamente porque as condições de produção, conforme ensina Orlandi (2015, p. 28-29), envolve os sujeitos e a situação, isto é, as “circunstâncias da enunciação” (a exemplo do contexto sócio-histórico e a ideologia). A mobilização dessa memória discursiva, que Orlandi (2015, p. 29) define como um “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”, faz, por sua vez, emergir aquilo Pêcheux (2014)

chama de “metáfora” e “interdiscurso”. Essa faculdade, conforme explica Pêcheux (2014, p. 157), só é possível porque o espaço ideológico, ainda que abrangido por desigualdades e dissonâncias, é configurado como uma “sistematicidade integradora”. Por esse motivo, a literatura, por exemplo, pode surgir como o “ponto de integração privilegiado das diferentes zonas discursivas do sistema” – o inter-discurso – e as diferenças “sócio-discursivas aparecem somente como diferenças de valorização (aprovação ou rejeição), e jamais como diferenças de estrutura”.

A propósito do interdiscurso, Pêcheux (2014, p. 158) segue afirmando que, ao contrário de produzir um “efeito integrador da discursividade”, torna-se, por conseguinte, o seu “princípio de funcionamento”, posto que é porque os elementos da sequência textual, “funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente”. Por essa razão, as posturas incendiárias de um personagem da ficção literária em desfavor da imprensa e de jornalistas, como é o caso do *jesuscristinho* de Ruffato (2001), podem ser metaforizadas e posicionadas ao lado de condutas não fictícias, igualmente incendiárias, sobre um assunto semelhante, como o fizeram Lênin, Stálin, Donald J. Trump, Jair M. Bolsonaro, entre outros.

Para além da plausibilidade de situar lado a lado discursos oriundos de diferentes contextos históricos e áreas distintas (como entre literatura e política, por exemplo) e das potencialidades representativas das artes, cumpre destacar, enfim, os efeitos de sentido do artístico na vida humana, isto é, como as artes afetam o real e o inconsciente. Projetando uma articulação entre “o que sucedeu” e “o que poderia suceder”, Rancière (2009b, p. 57-60) explica que artes como a literatura e o cinema possuem dupla tarefa: de ser uma “impressão muda que fala” e da “montagem que calcula as potências de significância e os valores de verdade”. O autor segue afirmando que o “real precisa ser ficcionado para ser pensado” e que, no que tange à relação entre literalidade e historicidade, “os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real”, uma vez que “o homem é um animal político porque é um animal literário, que se deixa desviar de sua destinação ‘natural’ pelo poder das palavras”.

Se, por um lado, os “efeitos do visível e do dizível”, de que fala Rancière (2009b), já manifestam, significativamente, as potencialidades e as influências das artes (as experiências dos sensível) no real, por outro, Rancière (2009a) também destaca os efeitos igualmente importantes no “inconsciente estético”. Em busca de demonstrar essas prerrogativas (os efeitos das artes no inconsciente), Rancière (2009a, p. 10-11) explica que as figuras literárias e artísticas concebidas por Freud atestam que “existe sentido no que parece não ter, algo de enigmático no que parece evidente, uma carga de pensamento no que parece ser um detalhe anódino”. Para o autor, essas figuras são “os testemunhos da existência de certa relação do pensamento com o não-pensamento, de certa presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente e do sentido no insignificante”. Inclusive, essas e outras potências fazem com que o terreno das obras de arte e da literatura seja definido por Rancière (2009a, p. 11) como um “âmbito de efetivação privilegiada desse ‘inconsciente’”.

Ainda de acordo com Rancière (2009a, p. 30-31), inscritas no regime da estética (modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte), a característica das artes é “ser a identidade de um procedimento consciente e de uma produção inconsciente, de uma ação voluntária e de um processo involuntário, em suma, a identidade de um logos e de um pathos”. Esse inconsciente estético, por sua vez, afirma Rancière (2009a, p. 41), se manifesta

na polaridade dessa dupla cena da palavra muda: de um lado, a palavra escrita nos corpos, que deve ser restituída à sua significação linguageira por um trabalho de decifração e de reescrita; do outro; a palavra surda de uma potência sem nome que permanece por trás de toda consciência e de todo significado, e à qual é preciso dar uma voz e um corpo, mesmo que essa voz anônima e esse corpo fantasmagórico arrastem o sujeito humano para o caminho da grande renúncia, para o nada da vontade cuja sombra schopenhaueriana pesa com toda força sobre essa literatura do inconsciente.

Por essa razão, se, pelo “princípio de funcionamento” da discursividade de que fala Pêcheux (2014), foi possível situar, de um lado, as enunciações depreciativas acerca da imprensa e de jornalistas, por parte de personalidades do mundo real e da ficção; do outro, pelas faculdades do “inconsciente estético”, essas hostilizações expressadas pelo fictício *jesuscristinho* de Ruffato (2001) são, em potencial, oportunidades de produção e manifestação de sentidos e significados na seara do perceptível e do imperceptível. Dessa forma, mais que o paralelo entre enunciados da ficção e do real, esses discursos, por si próprios, criam e fomentam percepções e significações que, voluntária ou involuntariamente, influenciam e impactam os comportamentos concretos, bem como impulsionam e direcionam a imaginação humana, posto que, como bem lembra Rancière (2009b), a ficção é substancial para as atividades de reflexão e de pensamento acerca do real.

ARTE NO DISCURSO, DISCURSO NA ARTE: BOLSONARO, A “GUERRA IDEOLÓGICA”, AS PULSÕES, OS DIRECIONAMENTOS E O LOGRO POLÍTICO

Em *Diálogos Impossíveis*, Luis Fernando Veríssimo (2012) reúne crônicas que versam sobre situações de (in)viabilidade, (in)comunicabilidade e sérios conflitos de comunicação. Seja com um Don Juan tentando conquistar a própria Morte, Batman e Drácula “numa clínica geriátrica na Suíça” (Veríssimo, 2012, p. 101), ou até mesmo as reflexões originadas pelos “bolsos do morto” (Veríssimo, 2012, p. 41) sobre uma determinada situação, o autor traz à tona as inconveniências tanto das palavras (mal)ditas quanto dos silêncios indesejados. Seguindo os rastros de Veríssimo (2012) sobre os diálogos impossíveis que se tornaram possíveis pelo texto literário, e tomando-se como norte a mescla que inspirou o título dessa seção, ou seja, as máximas de Oscar Wilde e Aristóteles (neste, a arte imita a vida; naquele, a vida imita a arte), elaboramos a seguir, com base na interdiscursividade pecheutiana, uma comparação entre enunciados feitos pelo ex-presidente do Brasil, Bolsonaro, especialmente aqueles proferidos durante seu mandato presidencial (2019-2022), e os do personagem *jesuscristinho*, da obra *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001), de Luiz Ruffato, no que diz respeito a algumas ponderações de ambos sobre veículos de imprensa e os(as) profissionais que os integram.

Jair Messias Bolsonaro, o 38º (trigésimo oitavo) presidente do Brasil, governou o país entre 2019 e 2022. Alinhado aos ideais da (extrema) direita, o ex-presidente assumiu posturas intrincadas ao longo de seu mandato presidencial. Defensor ferrenho do neoliberalismo, Bolsonaro acumula uma série de posturas problemáticas sobre os mais diversos assuntos, e muitas delas têm a ver exatamente com a sua relação hostil com parte da imprensa e de jornalistas brasileiros.

Semelhantemente ao modo de pensar e agir de *jesuscristinho* sobre a imprensa, Bolsonaro também acumula números expressivos de insatisfações. Um relatório³ da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), divulgado em outubro de 2020, apontou que o então presidente proferiu, somente nos nove primeiros meses do mesmo ano, 299 (duzentos e noventa e nove) ataques ao jornalismo. O levantamento, cuja média soma 33 (trinta e três) agressões por mês, mostra que a maioria, ou seja, 259 (duzentos e cinquenta e nove), foi classificada como “descredibilização da imprensa”, e os demais casos, 38 (trinta e oito), foram dirigidos a jornalistas específicos. Esse comportamento ofensivo à imprensa foi perpetuado por Bolsonaro ao longo de seu mandato presidencial (2019-2022). Em 2022, no dia da Liberdade de Imprensa, o então presidente sugeriu “fechar a mídia brasileira” (Gomes, 2022) e, nas palavras dele, “em especial, Globo e a Folha”.

Se, por um lado, as enunciações proferidas pelo fictício *jesuscristinho* (Ruffato, 2001) produzem os efeitos e os sentidos próprios do que Rancière (2009a, 2009b) chama de “experiências do sensível” e das atividades do “inconsciente estético”, isto é, de ser a identidade de uma razão e de uma emoção, bem como ser significativamente importante para as tarefas de reflexão e de pensamento acerca do real, por outro, os discursos do político Bolsonaro são fortemente marcados por uma ideologia que, além de expressivamente atuante no exercício de imaginar, sentir e agir sobre

³ Em nove [...], 2020.

esse real, como nos alerta Pêcheux (2014, p. 35), também figuram como “transformação da prática política” e, conseqüentemente, das “relações sociais” e das reformulações das demandas sociais, já que “toda ‘medida’ no sentido político adquire seu lugar na prática política como uma frase em um discurso”. Por esse motivo, entendemos que as posturas de Bolsonaro em desfavor da imprensa (principalmente enquanto era presidente do Brasil) se configuram como a “guerra ideológica”, assunto levantado por Pêcheux (2014) na conjuntura da propaganda governamental e da “bio-psicologia da propaganda”, inicialmente concebida por Tchakhotin.

Pêcheux (2014) esquematiza em três teses os princípios e os resultados práticos da bio-psicologia da propaganda:

1. A natureza humana é constituída de pulsões, sendo que as duas principais, instaladas em todo indivíduo, são: - a pulsão alimentar, econômica, lógica, que conduz a uma propagando do raciocínio argumentado, fundado na educação pela observação e reflexão; - a pulsão afetiva, agressiva, combativa, desembocando em uma propaganda militar de reflexos e de emoções, apoiada em uma liturgia estético-religiosa dos signos e gestos.

[...]

2. A segunda tese é que o processo objetivo dessas pulsões, seu jogo no cerne da natureza humana, pode, desde que é conhecido pela ciência moderna, ser controlado, instrumentalizado e colocado a serviço de qualquer política: as ‘técnicas de propaganda’ são armas, como o canhão de 75, a grande Bertha, o carro Patton ou a máquina de guerra de Stalin. Esta evidência é hoje cotidianamente repisada pela rede de metáforas jornalísticas (tiro de barragem, martelar com granadas, artilharia pesada, trabalho de sapa, corpo-a-corpo etc.) que cada um acaba por empregar sem mesmo perceber: nós habitamos esta metáfora que traz com ela a ideia de uma neutralidade operatória dos instrumentos engajados simetricamente no confronto entre os campos.

3. A terceira tese, é que esta guerra metafórica engaja o destino de milhões de homens e mulheres que, segundo a estratégia de uma ‘campanha de propaganda’, farão balançar este ou aquele lado, tomarão este ou aquele caminho, seguirão esta ou aquela direção [...]

(Pêcheux, 2014, p. 78-79).

Essas propagandas ideológicas governamentais, argumenta Pêcheux (2014, p. 87), alicerçam as condições de “assujeitamento político e ideológico”, que se articula entre o “racional” e o “irracional”, entre a “objetividade dos fatos, dos dados empíricos, etc., e a subjetividade das experiências e dos testemunhos”, entre o “sério das discussões entre expertes e o imediatismo das ‘informações’ distribuídas ao homem da rua”, bem como entre “os mecanismos impessoais da administração capitalista moderna, e a personalização da vida política pelas ‘mass-médias’[sic]”. Como resultado, não obstante essa “ideologia da manipulação” falhar no ato de discernimento entre aquilo que circula entre todo mundo e ninguém, entre “cada um e cada outros, entre os quem-de-direito, os representantes e os ‘irresponsáveis’”, Pêcheux (2014, p. 92) segue afirmando que essa “arte de anestésiar as resistências, de absorver as revoltas no consenso e de fazer abortar as revoluções fez certamente grandes progressos”. Por isso, à medida que um presidente eleito, em efetivo exercício de seu mandato, ao invés de se pronunciar sobre ações, projetos, obras finalizadas e em andamento ou até mesmo apresentar argumentos coerentes (baseado em fatos e na lei), que o inocentariam de eventuais acusações veiculadas na mídia, prefere servir-se de várias entrevistas para proferir ataques contra determinados veículos de imprensa e alguns jornalistas, acentua ainda mais seus apelos ideológicos, posto que opta por incitar as pulsões de seus apoiadores em desfavor da imprensa, direcioná-los para atuarem em sua defesa (de sua honra/reputação) e conquistar o engajamento das pessoas e atraí-las para seu nicho ideológico. Nesse caso, para esquivar-se de apresentar uma defesa embasada em elementos concretos (dados oficiais e fidedignos), o então presidente preferiu uma outra via, a das pulsões, cuja tendência é fomentar, impetuosamente, ataques à imprensa e jornalistas, a partir de reiteradas afirmações de que são falsas as matérias desfavoráveis a si próprio ou às ações (não) realizadas pelo seu governo.

Assim, dado que “o discurso é efeito de sentido entre locutores”, e que esse sentido se instaura

tanto pelas vias do dito como do não-dito, como bem destaca Orlandi (2015, p. 20), ao envidar, repetidamente, esforços para descredibilizar a imprensa e jornalistas sobre determinados assuntos da sua alçada e/ou de seu governo, Bolsonaro tanto busca, de modo contumaz, atrair a atenção para os seus enunciados (convencer de que a imprensa é mentirosa, inimiga dele e de seu governo e que certos relatos sobre ele e/ou seu governo não merecem atenção, crédito algum, muito menos devem ser questionados), quanto, implicitamente, contribui para desviar, da atenção das pessoas, o teor daquilo que foi veiculado (e que Bolsonaro acusa de inverdade). Trata-se, nesse caso, do “silêncio constitutivo”, que Orlandi (2015, p. 81) define como um contexto discursivo no qual “uma palavra apaga outras palavras (para dizer, é preciso não-dizer)”. Nesse caso, a opção massiva por enunciados que suscitam as pulsões humanas, indiretamente demonstra, por meios das “palavras apagadas” ou pelos “não-dizeres”, um aceno mais enfático ao *pathos* (emocional) do que ao *logos* (racional), ou, dito de outro modo, há, nesses discursos, um interesse implícito em minar/minimizar os efeitos da racionalidade, ou seja, as atitudes lógicas, pensantes, sensatas e ponderadas.

Nessa direção, quando *jesuscristinho* se refere à mídia como mentirosa, “tudo sacanagem”, “sujeira”, “dá nojo” (Ruffato, 2001, p. 21), ou quando Bolsonaro reitera frases como “péssima imprensa”, “não tem credibilidade”, “a Folha é um lixo”, “Qual a pauta positiva a Folha fez do governo até hoje? Nada. Zero” (Ferro, 2020), tanto acena para sua bolha ideológica⁴ quanto elege um inimigo (notadamente a imprensa), que deve ser descredibilizado e que será responsabilizado por uma série de problemas gerados dentro e fora do governo. Essa lógica, segundo Ab’Sáber (2021, p. 55), se insere

na esfera do que os psicanalistas chamam de estruturas esquizoparanoides de construção de paranoia, e ela é um mundo em conflito total, no qual existe o inimigo absoluto contra alguém inteiramente puro, perfeitamente bom. O outro é completamente mal, de modo que tudo justifica o ataque total ao inimigo, até as raízes do próprio delírio, porque esse inimigo, tudo o que existe, coloca o paranoico em risco. Goebbels dizia, com conhecimento de causa a esse respeito, que, para fazer um povo lutar, deve-se convencê-lo de que ele está sendo atacado.

De fato, como salientam Sargentini e Carvalho (2021, p. 83), para os apoiadores que restringem suas buscas por informações aos meios que apoiam incondicionalmente Bolsonaro, o jornalismo mais comprometido com os fatos “propaga desinformação e se torna inimigo da democracia, assim como o Congresso ou o STF, que impedem que o mandatário da nação faça o que lhe foi legado pelo poder do voto”. Esse método, por sua vez, faz parte (sendo causa e consequência) da “política do performativo”, que é quando, conforme explica Orlandi (2015, p. 120), o “dizer equivale a fazer” e, nesse contexto, a política “tende a se tornar uma atividade imaginária que se parece ao sonho acordado”. Elegendo um inimigo culpado por todos os males do governo, Bolsonaro logra proveito político ao persuadir seus apoiadores, que ecoam irrestritamente os seus discursos, e para quem, segundo Piovezani (2021, p. 186), “qualquer gosto bélico e indicador é suficiente para o sentimento de integração comunitária às ‘pessoas de bem’”. De modo geral, além de manter e atrair integrantes para a bolha ideológica, de modo a aproximá-los das questões emocionais e afastá-los da racionalidade (uma espécie de desviar o foco de um problema, impedindo que o mesmo seja abordado de modo mais arrazoado), essa tática também visa, como observou Kakutani (2018, p. 98) sobre as atitudes do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald J. Trump, somar esforços “para desacreditar o jornalismo, taxar matérias como *fake news* e atacar os repórteres, classificando-os como ‘inimigos do povo’ – um termo arrepiante usado outrora por Lênin e Stálin”. Devidamente inscritos nessas bolhas, os apoiadores se tornam incondicionalmente cúmplices de seus ídolos, minando qualquer possibilidade de contraditório e limitando a racionalidade a níveis muito baixos.

⁴ Segundo Kakutani (2018, p. 133), trata-se de comunidades fechadas, em que determinados grupos retroalimentam ideias fixas, com pouca ou nenhuma abertura ao contraditório, normalmente alheias à ciência e aos fatos, que encontram um “senso de comunidade em bairros, igrejas, clubes e outras organizações com ideias semelhantes às suas” e se isolam em “bolhas de interesses compartilhados”.

Se, por um lado, essa “política performativa”, fortemente guiada pelas pulsões, impõe o desafio da relativização da verdade, da desinformação em massa, dos discursos de ódio, da descridibilização da imprensa, entre outros fatores negativos, por outro, parece extrapolar qualquer ficção literária e complicar qualquer narrativa que ousasse reproduzir/representar as peripécias de um mundo político afetado por um delírio coletivo (e individual) e um retrocesso mental à escala das meras e primitivas emoções. O real, nesse caso, dotado de pessoas arrebatadas pelos impulsos e que, à risca, consideram essas emoções acima de qualquer razão, parece se tornar mais fictício do que a própria ficção. Isso ocorre porque as artes operam em acréscimo à realidade objetiva, proporcionando as “experiências do sensível” e a demais potências (do pensamento, da emoção, da ação, da afeição etc.) que se desenvolvem no “inconsciente estético”, como destacado por Rancière (2009a, 2009b). Por isso, ao passo que a realidade (que deveria ser) objetiva se afasta dessa concretude e se aproxima do ficcional – se torna mais ideológica e menos material –, as questões reais, que deveriam ser encaradas de modo objetivo (como é o caso da atividade política, que tem a função de engajar o destino das pessoas em sociedade), veem-se intrincadas de tal modo que a própria ficção parece não dar conta de representar tantos contrassensos.

É na esteira das dificuldades de representação do (quase) “inimaginável” que, fazendo um paralelo entre a ficção literária e a realidade dos EUA sob a presidência de Donald J. Trump, Kakutani (2018, p. 14-15) concluiu que

se um escritor criasse um vilão como Trump - uma personificação megalomaniaca e extravagante do narcisismo, mendacidade, ignorância, preconceito, grosseria e demagogia com impulsos tirânicos [...], seria acusado de ter produzido alguém muito fantasioso ou sem nenhuma verossimilhança [...] um personagem menos convincente do que seria uma mistura de Ubu Rei, Triumph the Insult Comic Dog e um personagem descartado de Molière.

É fato que tanto Trump quanto Bolsonaro (e líderes semelhantes) representariam um árduo desafio para um ficcionista que se aventurasse a reproduzir/representar tantas façanhas, alucinações e abjeções, ou até mesmo que tentasse condensar, num único personagem, um amontoado de adjetivos, como os ditos por Castro (2021) e Jorge (2021) sobre Bolsonaro. Também é difícil imaginar que, em *Eles Eram Muitos Cavalos* (Ruffato, 2001), Ruffato idealizaria um *jesuscristinho* que, além de menosprezar a imprensa, fosse capaz, entre outras coisas, de: a) lamentar o fato de o Brasil não ter dizimado os indígenas (Guedes, 2022); b) marcar um churrasco para mais de mil pessoas no dia que o Brasil atingiria 10 mil óbitos por coronavírus (Bolsonaro [...], 2020b); e c) proferir que Maria do Rosário (sua então colega na Câmara dos Deputados) “não merece ser estuprada porque é muito feia” (Ramalho, 2016).

Não obstante as dificuldades de conceber um único personagem fictício apto a herdar muitos adjetivos negativos, não precisaria muito esforço para imaginar *jesuscristinho* (Ruffato, 2001) ao lado de Bolsonaro na reunião ministerial de 22 de abril de 2020⁵, proferindo as mais sórdidas declarações possíveis sobre uma imprensa não alinhada ao governo. Essa faculdade de posicionar e estabelecer (des)semelhanças entre um personagem fictício e um político real não acontece somente porque a literatura está, como observado em *Candido* (2000, p. 15), inscrita na tessitura social e, por isso, apresenta “dimensões sociais evidentes”, mas porque, assim como todas as outras artes, tem a potência simbólica da representação, com capacidade de atuar e produzir efeitos e sentidos sobre o real, como destaca Rancière (2009a, 2009b). Em suma, a exequível aproximação entre *jesuscristinho* (Ruffato, 2001) e Bolsonaro, urdida sob a noção peuchetiana de interdiscurso, a discursividade literária de que fala Maingueneau (2005) e a interface real entre literatura e discurso, abordada por Mello (2005), se deu porque, operando as “experiências do sensível” e potencialmente atuando no “inconsciente estético”, as artes são substanciais para o pensamento e a reflexão acerca do real, como afirma Rancière (2009a, 2009b), ou seja, arte e vida exercem e sofrem influências mútuas, como previsto nas máximas de Wilde e Aristóteles.

⁵ Reunião [...], 2020.

CONCLUSÃO

A realidade política no Brasil atual tem imposto alguns desafios nos âmbitos da comunicação e das relações sociais. Fatores como a descredibilização da imprensa jornalística tem sido usada como estratégia (arma) para lograr vantagens políticas, seja atraindo o maior número possível de pessoas para manter, reproduzir e compartilhar uma mesma ideologia, seja como forma de desviar o foco de um dado assunto ou de um debate mais engajado, ou até mesmo para despertar pulsões dos humanos e, assim, aproximá-los do emocional e afastá-los cada vez mais do racional. Inscritos em bolhas ideológicas e afastados da racionalidade, o apelo às pulsões faz com que adeptos de determinados líderes políticos os apoiem irrestritamente em suas ações e em seus discursos e, além disso, por vezes, também reproduzam, engendrem e espalhem narrativas mirabolantes e que aparentam suplantar qualquer ficção literária com vistas a narrar histórias que ambicionem ser estimadas desde como as mais tenebrosas até as mais inimagináveis.

Foi nesse contexto que articulamos uma ligação entre *jesuscristinho* (Ruffato, 2001) e Bolsonaro. Além da viável comparação enunciativa, no ponto em que ambos tratam sobre a imprensa e seus integrantes, identificamos também que literatura e discurso possuem uma interface real, como já notou Mello (2005). Outrossim, pelos ensinamentos de Rancière (2009a, 2009b), notamos que as artes fornecem substâncias para o estabelecimento de pensamentos e reflexões acerca do real, eis porque a literatura e outras artes, como destacam Chartier (2021) e Almeida (2013), fazem parte do processo de construção da história.

Enfim, com base na noção pecheutiana de interdiscurso, observamos que os discursos literários do *jesuscristinho* de Ruffato, concebido em 2001, vinte anos depois, viram-se ecoados pelo então presidente do Brasil, Bolsonaro. A ideologia e as estratégias políticas, nesse caso, viabilizaram a aproximação dos discursos de um personagem da literatura e de um político brasileiro. Por esse motivo, mesmo diante da baixa probabilidade de Bolsonaro ter, via leitura, conhecido e, eventualmente, se inspirado no *jesuscristinho* da obra de Ruffato (2001) – uma vez que o ex-presidente já afirmou que não gostava de ler⁶ e que odiava doutores e livros (Nunes, 2014), bem como criticou os livros didáticos por terem “muita coisa escrita”⁷ – há uma espécie de comum compartilhado, que aproxima as trajetórias de ambos sobre um determinado aspecto, o que demarca um elo entre arte literária e discurso político.

REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, Tales. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). *Discurso e (pós) verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 41-58.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. O espaço político aberto pela leitura literária. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 58–67, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100008>.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOLSONARO critica livros didáticos: ‘Muita coisa escrita’. *Veja*, São Paulo, 3 jan. 2020a. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-critica-livros-didaticos-muita-coisa-escrita>. Acesso em: 28 jul. 2023.

⁶ Marzullo (2023).

⁷ Bolsonaro [...], 2020a.

BOLSONARO marca churrasco para o dia em que o Brasil deve chegar a 10 mil mortes por coronavírus. *Extra*, São Paulo, 9 maio 2020b. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-marca-churrasco-para-dia-em-que-brasil-deve-chegar-10-mil-mortes-por-coronavirus-24418927.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2000.

CASTRO, Ruy. Novas definições para Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2021/01/novas-definicoes-para-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CHARTIER, Roger. Verdade e prova: retórica, literatura, memória e história. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). *Discurso e (pós) verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 19-40.

EM NOVE meses, Bolsonaro cometeu 299 ataques ao jornalismo. *Fenaj*, Brasília, 14 out. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FERRO, Maurício. Bolsonaro ataca Folha de S. Paulo por reportagem sobre secretário. *Poder 360*, [Brasília], 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-ataca-folha-de-s-paulo-por-reportagem-sobre-secretario/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GOMES, Beatriz. No dia da Liberdade de Imprensa, Bolsonaro sugere fechar mídia brasileira. *UOL*, São Paulo, 7 jun. 2022. São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/06/07/jair-bolsonaro-imprensa.htm?cmpid=copiaecola>, Acesso em: 24 jul. 2023.

GUEDES, Octavio. Bolsonaro já lamentou que o Brasil não dizimou os indígenas. *G1*, São Paulo, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/03/16/bolsonaro-ja-lamentou-que-o-brasil-nao-dizimou-os-indigenas.ghtml>, acesso: 25 jul. 2023.

JORGE, Mariliz Pereira. Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2021/03/bolsonaro.shtml>, Acesso em: 25 jul. 2023.

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a Literatura. In: MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 17-30. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnmbpcajpcglefindmkaj/<http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/An%C3%A1lise%20do%20Discurso%20&%20Literatura.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MARZULLO, Luísa. 'Não gosto de ler' e alfinetada na irmã: quem é a filha de Michelle Bolsonaro, que aos 20 anos vai receber R\$ 13 mil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/nao-gosto-de-ler-e-alfinetada-na-irma-saiba-quem-e-a-filha-de-michelle-bolsonaro-que-aos-20-anos-vai-receber-r-13-mil-de-salario.ghtml>, acesso: 29 nov. 2023.

MELLO, Renato. Análise do discurso & literatura: uma interface real. In: MELLO, Renato (org.). *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 31-44.

NUNES, Augusto. No vídeo, o ex-presidente que odeia doutores e livros confessa: 'Eu sou muito preguiçoso. É uma questão de hábito'. *Veja*, São Paulo, 23 jun. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/no-video-o-ex-presidente-que-odeia-doutores-e-livros-confessa-8216-eu-sou-muito-preguicoso-e-uma-questao-de-habito-8217>, acesso: 29 nov. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 2015.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.
- PÊUCHEX, Michel. *Análise de discurso*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.
- PIOVEZANI, Carlos. Efeitos de verdade: a retórica eleitoral de Bolsonaro. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). *Discurso e (pós) verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 155-188.
- RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. *GI*, Brasília, 21 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009a.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009b.
- REUNIÃO ministerial de Bolsonaro: assista ao vídeo na íntegra e leia transcrição. *CNN*, São Paulo, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/assista-ao-video-da-reuniao-ministerial-com-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANCHES, Mariana. Lançada por Trump e propagandeada por Bolsonaro, hidroxicloroquina está vetada em hospitais nos EUA. *BBC News Brasil*, Washington, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53370870>, Acesso em: 2 ago. 2023.
- SARGENTINI, Vanice; CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das *fake news*. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). *Discurso e (pós) verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-86
- VERISSIMO, Luis Fernando. *Diálogos impossíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.